

# Diversão & Arte

GANHADORA DO PRÊMIO APCA COM UM ESPETÁCULO CRIADO PARA O PÚBLICO DE 0 A 5 ANOS, CLARICE CARDELL ACREDITA QUE A DRAMATURGIA PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA COMPORTA MUITO MAIS QUE ENTRETENIMENTO

## UM TEATRO DE REFERÊNCIA

» NAHIMA MACIEL

Clarice Cardell já fez mais de 18 espetáculos para bebês ao longo de quase quatro décadas de carreira, mas nunca havia feito um que dialogasse tão bem com a primeiríssima infância como *Os peixes não falam*. É essa a sensação da atriz e diretora todas as vezes que apresenta o espetáculo. Esta semana, ela leva a peça para creches da Candangolândia, parte de um trajetória que passou por todos os cantos do DF e cidades brasileiras antes de ganhar o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) com a companhia Primeiro Olhar. Antes de receber o prêmio em cerimônia marcada para maio, Clarice leva *Os peixes não falam* para uma temporada que terá, além do DF, um circuito internacional por México, Argentina e Uruguai, como parte do programa Conexão Cultura.

Essa é a primeira vez que uma obra criada para crianças de 0 a 5 anos ganha uma das mais importantes premiações de teatro do país. É um reconhecimento e, ao mesmo tempo, uma aposta na formação de público por meio de uma linguagem cujo objetivo não é apenas entreter. “Mais feliz do que a minha obra ter recebido essa premiação é saber que, pouco a pouco, nosso trabalho de teatro para a primeira infância ganha relevância”, explica. “Esta obra fala da origem da linguagem, de como é esse processo de começar a falar.”

*Os peixes não falam* nasceu da vontade de pensar em um espetáculo sobre o aprendizado da linguagem e da fala. Foi com a francesa Katy Deville, fundadora do Théâtre de Cuisine, referência no teatro de objetos, que Clarice começou o trabalho. “O teatro de objetos é uma linguagem muito específica, que trabalha com signos e significantes. A Katy nunca tinha feito nada para crianças e fiz uma imersão com ela para a criação desse espetáculo”, conta a diretora e atriz, que também contou com orientação da psicanalista baiana Claudia Mascarenhas, especializada em análise infantil. “Ela foi acompanhando e fazendo algumas provocações, fomos lendo textos de psicanálise sobre como é esse processo de começar a falar”, lembra.

Em *Os peixes não falam*, Clarice está sozinha em cena durante os 35 minutos de duração do espetáculo. Segundo ela, é tudo muito simples e muito limpo. Tudo começa dentro da barriga materna, a origem do personagem que depois segue para cenários representativos das fases da primeira infância. “Ele vai para o mundo do leite, depois para o mundo da terra e aí vêm os primeiros balbucios. Depois, entra nessa palavra mágica que é mãe, que tem a ver com o ato físico de mamar, todas as palavras para mãe em todas as línguas têm a ver com esse movimento da boca, o movimento do ma, que é o mesmo de mamar. Aí passa pelos primeiros gestos, pela primeira palavra, primeira frase e vira canção”, avisa a diretora. Ao final, as crianças são convidadas a subir ao palco para brincar no cenário.

Clarice explica que, embora sempre faça muita pesquisa para criar os espetáculos e invista em aspectos que vão além da estética e do entretenimento, o teatro para a primeira infância é sempre um mistério. “A gente nunca sabe exatamente o que vai acontecer”, revela. Os peixes não falam funcionou bem com os pequenos, mas também trouxe uma surpresa em relação às crianças do Transtorno do Espectro Autista (TEA). “Surpreendeu o fato de terem ficado na apresentação até o final. São públicos que, se não estão conectados, vão embora. Não tem o espaço da convenção de que as pessoas, se não curtem, ficam e aplaudem com tédio. Se um bebê não gosta, ele chora e quer ir embora. É uma resposta muito honesta, é um grande teste de fogo”, garante. No caso

desse espetáculo, a diretora notou não apenas que as crianças ficavam até o fim, mas balbuciavam junto com ela as sonoridades do espetáculo.

Clarice explica que não é simples trabalhar em teatro para a primeira infância. Não, pelo menos, quando se investe em pesquisa. “Não é um território de feitos e coisas coloridas para chamar a atenção. Meu caminho passa por um entendimento de uma dramaturgia que fale de questões essenciais que dialoguem com essas crianças”, diz. No caso de *Os peixes não falam*, esse caminho passou pela psicanálise e pela utilização de todos os instrumentos oferecidos pelo teatro, como música, luz e estética, mas também a identificação de temas capazes de fisgar a atenção dos pequenos. “Isso faz parte da pesquisa e de ter uma escuta fina dessas crianças no antes, durante e depois do espetáculo para poder, efetivamente, fazer um diálogo que trabalhe com cultura e não com entretenimentos puro e simples”, ensina Clarice.

Nascida no Rio de Janeiro, Clarice veio para Brasília ainda criança. Fez bacharelado em teatro na Universidade de Brasília (UnB) e, em 1998, foi para a Espanha fazer uma pós-graduação. Ficou 18 anos por lá e fundou a companhia La casa incierta, que se tornou uma referência no teatro para bebês. Em 2013, de volta ao Brasil, continuou a investir em espetáculos para crianças entre 0 e 5 anos. Sete anos depois, encerrou a companhia trazida da Espanha e criou a Primeiro Olhar, também responsável pelo festival de mesmo nome. Em seguida viria a Bebelume, produtora de filmes para crianças e de material pedagógico, além de uma mostra de cinema para o público infantil.

Hoje, aos 54 anos, Clarice celebra o fato de Brasília ter se tornado uma referência nesse tipo de teatro. “O DF teve um boom de artistas que trabalham com a primeira infância e, hoje, é um polo de produção de qualidade, sem nenhuma sombra de dúvida. Isso é um patrimônio que vem de muitas frentes”, explica. As muitas frentes são, além do festival Primeiro Olhar, o envolvimento na criação de políticas públicas para a área, como editais do Fundo de Apoio à Cultura (FAC-DF) e a participação no Plano Nacional pela Primeira Infância, e um conjunto de atividades que fomentou o movimento. “As creches começaram a se acostumar a receber obras, o público começou a acreditar que tem obras para a primeira infância e isso começou a provocar os artistas a trabalharem para a primeira infância”, acredita a diretora.

Clarice Cardell no espetáculo *Os peixes não falam*, da companhia Primeiro Olhar

